



ANCESTRALIDADE E LUTA: A CONTRIBUIÇÃO DE AILTON KRENAK E NEGO BISPO PARA OS POVOS INDÍGENAS E QUILOMBOLAS

CASSIANA MARIA DOS SANTOS ³³

RESUMO

Este artigo analisa as contribuições de Ailton Krenak e Nego Bispo para os movimentos indígenas e quilombolas, com foco nas suas visões de ancestralidade e resistência. Krenak, com sua cosmovisão ameríndia, questiona o modelo de desenvolvimento e defende a valorização dos saberes tradicionais. Já Nego Bispo, em sua obra *A terra dá, a terra quer*, constrói um manifesto contracolonial, destacando a importância dos saberes quilombolas e a relação de reciprocidade com a terra como forma de resistência. A análise propõe uma reflexão sobre como a luta e a ancestralidade se articulam como estratégias de sobrevivência e fortalecimento identitário.

Palavras-chave: Ancestralidade. Contracolonialismo. Povos Indígenas. Quilombolas. Biointeração.

ABSTRACT

*This article analyzes the contributions of Ailton Krenak and Nego Bispo to indigenous and quilombola movements, focusing on their views of ancestry and resistance. Krenak, with his Amerindian worldview, questions the development model and advocates for the valorization of traditional knowledges. On the other hand, Nego Bispo, in his work *A terra dá, a terra quer*, builds a counter-colonial manifesto, highlighting the importance of quilombola knowledges and the reciprocal relationship with the land as a form of resistance. The analysis proposes a reflection on how struggle and ancestry intertwine as strategies for survival and identity strengthening.*

Keywords: Ancestrality. Counter-colonialism. Indigenous Peoples. Quilombolas. Biointeraction.

³³ Graduanda em Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural de Pernambuco.
E-mail: cassiana.santos@ufrpe.br.



INTRODUÇÃO

A luta pela valorização da ancestralidade e pela resistência ao colonialismo tem sido fundamental para os povos indígenas e quilombolas ao longo da história do Brasil. No contexto atual, as contribuições de pensadores como Ailton Krenak e Nego Bispo têm se mostrado essenciais para a afirmação das identidades indígenas e quilombolas, bem como para a defesa de suas terras e culturas. Através de suas obras, esses autores propõem reflexões que desafiam o modelo dominante de desenvolvimento, questionando a relação do ser humano com a natureza e a forma como os saberes tradicionais foram marginalizados pelo colonialismo.

Nego Bispo, nome artístico de Antônio Bispo dos Santos, foi um intelectual e líder quilombola do Piauí, que se destacou na construção de um pensamento contracolonial. Nascido em 1956 e falecido em 2023, deixando um legado importante para a luta quilombola. Em sua obra *A terra dá, a terra quer*, ele propôs uma crítica contundente ao colonialismo e à forma como este impactou as relações entre os quilombolas e a terra. Para ele, o conceito de contracolonialismo representava um modo de vida que não apenas resistia à dominação, mas também reconstruía e reafirmava os saberes e práticas ancestrais, criando uma nova forma de viver e de se relacionar com o mundo. Seu pensamento também questionava a imposição de modelos de desenvolvimento e a supremacia da lógica capitalista, propondo um retorno à prática da biointeração e da reciprocidade com a terra.

Este artigo utiliza análise textual de obras centrais de Ailton Krenak (*Ideias para adiar o fim do mundo*, *Futuro ancestral*) e Nego Bispo (*A terra dá, a terra quer*), além da entrevista “Estamos no começo do replantio das palavras” (2023). A abordagem combina hermenêutica crítica - identificando como os autores ressignificam conceitos como “desenvolvimento” e “natureza” - e teoria decolonial, baseando-se em Quijano (2005) para discutir a colonialidade do poder. O objetivo é evidenciar como Krenak e Bispo articulam ancestralidade e resistência, oferecendo alternativas epistêmicas ao modelo hegemônico.

AILTON KRENAK E O PENSAMENTO AMERÍNDIO

O pensamento de Ailton Krenak está profundamente enraizado na cosmovisão dos povos indígenas, que enxergam a terra não como um recurso a ser explorado, mas como um ser vivo. Para Krenak, a desconexão entre os seres humanos e a natureza é uma das principais causas das crises ecológicas e sociais enfrentadas pelo mundo contemporâneo. Em sua obra *Futuro ancestral*, ele enfatiza que a visão ameríndia da existência está pautada na coletividade, na escuta da terra e na valorização dos saberes tradicionais.



Ele reflete sobre o papel da ancestralidade na formação das novas gerações indígenas, destacando que a educação tradicional desses povos não se baseia na competição ou no individualismo, mas na construção coletiva do conhecimento e na harmonia com o ambiente:

As crianças indígenas não são educadas, mas orientadas. Não aprendem a ser vencedoras, pois, para uns vencerem, outros precisam perder. Aprendem a partilhar o lugar onde vivem e o que têm para comer. Têm o exemplo de uma vida em que o indivíduo conta menos que o coletivo. Esse é o mistério indígena, um legado que passa de geração para geração. O que as nossas crianças aprendem desde cedo é a colocar o coração no ritmo da terra.” (KRENAK, 2022, p. 117)

Além disso, Krenak (2022, p. 14) argumenta que a modernização forçou populações indígenas e rurais a deixarem seus territórios ancestrais para se tornarem mão de obra nas cidades, sendo deslocadas para favelas e periferias. Esse processo de desenraizamento, segundo o autor, desagregou os coletivos e os modos de vida tradicionais, inserindo esses povos em um sistema que os trata como parte de uma massa indiferenciada, ignorando suas identidades e vínculos com a terra.

Essa relação de respeito com o território é central para o pensamento ameríndio e se reflete na maneira como diferentes povos indígenas percebem o ambiente em que vivem. Krenak (2022, p. 33), “Nossos parentes Guarani da Mata Atlântica, dessa borda de mar que chamam de ‘nhé ere’, ou lugar que produz vida, pensam na região como uma paisagem e, ao mesmo tempo, uma fonte incessante de vida”. Ressaltando a visão dos Guarani da Mata Atlântica sobre seu espaço de vida.

Krenak critica o modelo ocidental de desenvolvimento, que separa a humanidade do mundo natural e impõe uma lógica predatória sobre os territórios indígenas e sobre a própria existência humana. Para ele, essa visão destrutiva deve ser combatida por meio da reafirmação dos valores ancestrais e da resistência contra a imposição do capitalismo e do colonialismo. Em seu discurso na assembleia constituinte denunciou: “ povo indígena tem regado com sangue cada hectare dos 8 milhões de quilômetro do Brasil” (KRENAK, 2014, 04 min).

A fala de Krenak na Constituinte não foi apenas um momento retórico, mas um marco na luta indígena por direitos. Ao declarar que “o povo indígena regou com sangue cada hectare do Brasil”, ele denuncia o genocídio histórico e exige reconhecimento político. Essa intervenção direta influenciou a inclusão de direitos indígenas na Constituição de 1988, como o usufruto exclusivo de terras tradicionalmente ocupadas (Art. 231).



NEGO BISPO E O CONTRACONIALISMO

A obra *A terra dá, a terra quer*, de Antônio Bispo dos Santos, conhecido como Nego Bispo, é um manifesto contracolonial que desafia as estruturas opressivas do sistema colonial e propõe uma visão alternativa de mundo, fundamentada nas epistemologias quilombolas. Nego Bispo articula, ao longo do livro, uma crítica profunda ao colonialismo, entendendo-o não apenas como um sistema de dominação política e econômica, mas como uma estrutura que invade e corrompe as relações humanas com a terra, a cultura e o saber. Ele defende que o colonialismo não se limita à exploração material, mas também à imposição de uma cosmovisão que deslegitima e apaga os saberes tradicionais dos povos quilombolas e indígenas. Essa crítica ecoa as reflexões de Quijano (2005), que descreve o colonialismo como um padrão global de poder que classifica a população mundial de acordo com a ideia de raça e impõe uma racionalidade eurocêntrica, marginalizando saberes e práticas não europeias.

Nego Bispo utiliza o conceito de “contracolonialismo” para descrever a resistência ativa dos quilombolas à dominação colonial. Para ele, o contra-colonialismo não é uma mera reação ao colonialismo, mas sim uma prática de vida que reconstrói e reafirma as identidades e os saberes ancestrais. Em suas palavras, ele expressa a simplicidade e profundidade desse conceito: “O contra-colonialismo é simples: é você querer me colonizar e eu não aceitar que você me colonize, é eu me defender.” O contracolonialismo é um modo de vida diferente do colonialismo.” (BISPO DOS SANTOS, 2023, p. 58). Reafirmando que o contracolonialismo é uma prática cotidiana de resistência: “Contracolônizar é replantar as palavras. [...] É você replantar em espaços que sabe que vai germinar” (BARBOSA NETO et al., 2023, p. 7-8). Essa metáfora agrícola ilustra como ele transforma termos coloniais em instrumentos de luta, resgatando significados ancestrais.

Essa resistência se manifesta principalmente na maneira como os quilombolas se relacionam com a terra, que, para Nego Bispo, não é apenas um recurso a ser explorado, mas um ser vivo, com o qual se estabelece uma relação de troca e reciprocidade. Ele propõe uma relação com a terra que vai além da lógica colonial de domínio e exploração, vendo-a como um ser que dá e recebe, formando uma unidade com o ser humano. Essa visão contrasta diretamente com a perspectiva colonial, que transforma a terra em um bem de propriedade, destinado à exploração.

Nego Bispo também critica a imposição de modelos de desenvolvimento que desconsideram as práticas e saberes locais, como o modelo de “desenvolvimento sustentável” promovido pelo sistema colonial. Para ele, essa versão de “sustentabilidade” é apenas uma continuação disfarçada da exploração, com uma fachada “ecológica”. Em vez disso, ele propõe o conceito de biointeração, que enfatiza a interconexão entre todos os seres vivos e a



necessidade de uma relação respeitosa em sintonia com a natureza. Nego Bispo resume sua crítica e proposta da seguinte forma:

Para enfraquecer o desenvolvimento sustentável, nós trouxemos a biointeração; para a coincidência, trouxemos a confluência; para o saber sintético, o saber orgânico; para o transporte, a transfluência; para o dinheiro (ou a troca), o compartilhamento; para a colonização, a contracolonização... e assim por diante. (BISPO DOS SANTOS, 2023, p. 14).

A biointeração é, portanto, uma alternativa que reflete a visão quilombola de que a vida não pode ser reduzida a uma lógica de exploração e acumulação, mas deve ser fundamentada em relações de cuidado, respeito mútuo e sustentabilidade. Nego Bispo (2023) , destaca ainda a importância da oralidade e da memória na preservação dos saberes quilombolas, argumentando que a escrita, muitas vezes imposta pelo sistema colonial, pode ser vista como uma ferramenta de dominação. No entanto, ele também reconhece a necessidade de traduzir esses saberes para a escrita, para possibilitar o diálogo com o mundo não quilombola e fortalecer a resistência.

O CANTO DO RIO ANCESTRAL E A SEMENTE QUE FENDE O CONCRETO COLONIAL

Ailton Krenak e Nego Bispo, embora vinculados a contextos culturais distintos - um à cosmovisão indígena e outro às epistemologias quilombolas -, constroem suas resistências a partir de metáforas que dialogam poeticamente com a terra e o tempo. Krenak, com seu “canto do rio ancestral”, e Bispo, com sua “semente que fende o concreto colonial”, oferecem narrativas que transcendem a denúncia do colonialismo, propondo alternativas radicais baseadas na ancestralidade. Essas imagens não são meras figuras retóricas, mas expressões de ontologias que desafiam a racionalidade eurocêntrica e redefinem o significado de existência e resistência.

Para Krenak, a resistência indígena assemelha-se ao curso de um rio, que flui sem pressa, mas com determinação: “Não adianta correr; o rio chega ao mar no ritmo das pedras” (KRENAK, 2022, p. 45). Essa metáfora remete à noção de um “tempo cósmico”, onde passado, presente e futuro coexistem em ciclos contínuos. Em Futuro ancestral ele descreve a terra como um organismo vivo, cujas “veias são os rios” e cujo “sopro anima todas as formas de vida”. De acordo com Ailton Krenak (2022), essa visão ecoa dos povos Guarani, para quem o território é nhé ere - “lugar que produz vida” -, uma paisagem sagrada que sustenta e é sustentada pela comunidade.

A resistência, nessa perspectiva, é uma “escuta ativa” dos ritmos naturais, reconhecendo a terra como sujeito. Krenak critica a aceleração imposta pelo colonialismo, que



trata a terra como recurso a ser esgotado: Enquanto uma criança guarani nomear os rios, o colonialismo não venceu (AILTON KRENAK, 2022). Sua luta é pela “sobrevivência ontológica”, preservando culturas que o desenvolvimento predatório tenta apagar. Essa postura manifestou-se historicamente em seu discurso na Assembleia Constituinte de 1987, quando denunciou o genocídio indígena e exigiu direitos territoriais, influenciando diretamente o Artigo 231 da Constituição de 1988 (KRENAK, 1987). Para ele, a escrita é um “arpão lançado ao mar do esquecimento”, ferramenta para fisgar futuros possíveis.

Nego Bispo, por outro lado, não canta sobre o rio; ele “planta no asfalto”. Seu contracolonialismo é uma semente que rompe o concreto, transformando palavras e práticas em armas. Em *A terra dá, a terra quer*, ele pontua que o processo de contracolônização consiste em ressignificar até mesmo as palavras que carregam opressão (BISPO DOS SANTOS, 2023).

Para Bispo, a terra não é apenas sagrada; é parceira de um contrato ancestral: “Ela dá se a gente cuida; ela seca se a gente rouba” (BARBOSA NETO et al., 2023, p. 5). Enquanto Krenak espiritualiza a natureza, Bispo a politiza. Sua resistência materializa-se na biointeração prática quilombola que substitui a exploração por reciprocidade: “Para enfraquecer o desenvolvimento sustentável, trouxemos a biointeração [...] [O que significa] permitir que todas as vidas coexistam” (BISPO DOS SANTOS, 2023, p. 14). Um exemplo concreto é a roça quilombola, onde o cultivo consorciado (milho, feijão, mandioca) preserva o solo e garante autonomia alimentar, em contraste com a monocultura do agronegócio.

As diferenças entre Krenak e Bispo revelam a pluralidade da resistência decolonial. Enquanto Krenak dialoga com instituições para “adiar o fim do mundo”, Bispo constrói autonomias radicais fora do sistema: “Titulação de terras? Só serve se vier com sementes e enxada” (BARBOSA NETO et al., 2023, p. 19). O primeiro usa a escrita como ponte para a sociedade não indígena; o segundo desconfia dela como ferramenta colonial, mas a utiliza estrategicamente: “Meu livro é um ato político de tradução” (BARBOSA NETO et al., 2023, p. 10).

Seus corpos também simbolizam divergências: para Krenak, o corpo indígena é “arquivo de saberes”, marcado pela pintura de jenipapo como resistência cultural; Para Bispo dos Santos (2023), o corpo quilombola é “trincheira política”, que carrega as cicatrizes da violência colonial, mas curado por ervas da roça.

Apesar das diferenças, ambos convergem ao tratar a ancestralidade como “projeto político”, Krenak propõe um “futuro ancestral”, onde o tempo circular reverencia os ciclos da terra; Bispo fala em “replântio das palavras”, gesto que une passado e futuro em ações concretas. Como afirma Quijano (2005), a decolonização exige romper com a



racionalidade eurocêntrica - e é nessa ruptura que eles se encontram.

Krenak e Bispo não são opostos, mas fluxos complementares. Se o rio ancestral de Krenak que reflete a ideia de tempo cíclico ensina a persistência, a semente de Bispo simboliza ruptura e lembra que a resistência também é revolução. Juntos, eles mostram que a luta anticolonial não cabe em fórmulas: é feita de cantigas, raízes e fogueiras acesas com palavras replantadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões de Krenak e Bispo demonstram que a luta indígena e quilombola transcende a mera resistência: é um chamado à reinvenção ética das relações entre humanos e não humanos. Enquanto Krenak, com sua defesa do “futuro ancestral”, propõe um diálogo entre passado e presente através dos ciclos da natureza, Bispo, com o “replântio das palavras”, converte o cotidiano em ato político, desafiando a lógica colonial. Ambos evidenciam que a ancestralidade não é estática, mas uma força dinâmica, capaz de desestabilizar a colonialidade do poder (QUIJANO, 2005). Suas propostas - seja a biointeração quilombola ou a cosmovisão indígena do nhé ere - confrontam o desenvolvimento predatório, apontando para modelos de existência baseados na reciprocidade.

Ao resgatar saberes tradicionais, Krenak e Bispo não se limitam a denunciar injustiças históricas: oferecem estratégias concretas de preservação identitária. Krenak revitaliza a educação coletiva e a espiritualidade vinculada ao território; Bispo desmonta a falácia do “desenvolvimento sustentável”, substituindo-o pela biointeração como prática de cuidado. Essas contribuições não apenas questionam paradigmas eurocêntricos, mas revelam a ancestralidade como horizonte político transformador, onde autonomia e continuidade cultural são pilares de futuros possíveis.

Assim, as lutas indígenas e quilombolas, guiadas por esses pensamentos, não se restringem à oposição: reimagina mundos. Nelas, a diversidade socioambiental deixa de ser retórica e torna-se alicerce para justiça, provando que a terra - longe de ser recurso - é território de coexistência e memória.



REFERÊNCIAS

BARBOSA NETO, Edgar R.; SILVA, Natalino N.; LOWANDE, Walter F. F. “Estamos no começo do replantio das palavras”: uma conversa com Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo). PerCursos, Florianópolis, v. 24, e 0601, 2023.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. A terra dá, a terra quer. 2. Reimpressão. São Paulo: UBU, 2023.

ÍNDIO CIDADÃO. Grito 3 Ailton Krenak. [S.l.: s.n.], 2014. Disponível em: https://youtu.be/kWMHiwdbM_Q. Acesso em: 3 mar. 2025.

KRENAK, Ailton. A vida não é útil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

_____. Ideias para adiar o fim do mundo. 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

_____. Futuro ancestral. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. P. 107-130.